

Para bancos, pequena melhora

Embora os balanços das empresas que atuam no sistema financeiro ainda não tenham sido divulgados, estimativas preliminares apontam para um bom desempenho do setor durante o primeiro semestre deste ano. O primeiro trimestre marcou o final do governo da Velha República, em um contexto econômico de inflação acentuada, o que acarretava a elevação no custo do dinheiro e um achatamento dos spreads, sobretudo do sistema bancário. A tumultuada transição de governo gerou todo um clima de expectativa no mercado financeiro, diante das sucessivas intervenções cirúrgicas sofridas pelo presidente Tancredo Neves e o inesperado desfecho de sua morte.

O final do segundo trimestre, no entanto, trouxe novo alento ao setor financeiro, com o represamento do processo inflacionário empreendido pelo governo da Nova República. Os índices de inflação declinaram rapidamente, alterando as expectativas do mercado. No âmbito dos bancos comerciais, o primeiro trimestre foi caracterizado pela baixa rentabilidade, com raríssimas exceções. "A queda da inflação, contudo, permitiu aos bancos operarem em maior volume e com margens mais adequadas, resultando em um semestre razoável", salienta o presidente do Banco Itaú, José Carlos de Moraes Abreu.

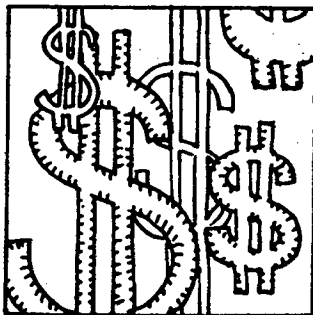
A seu ver, para a maioria dos bancos comerciais, os primeiros seis meses do ano não trouxeram um crescimento significativo em termos reais, no que tange à rentabilidade. Seguramente, no primeiro trimestre, esta permaneceu muito aquém dos níveis alcançados em dezembro de 1984, recuperando-se, contudo, no segundo trimestre, mas alcançando mais uma evolução nominal do que real. A nível de rentabilidade sobre patrimônio líquido, os bancos nacionais encontram-se abaixo dos padrões internacionais, sustenta Moraes Abreu.

No que tange aos empréstimos, seu volume foi relativamente baixo no início do semestre, mas extremamente competitivos nos últimos meses, em função da extrema liquidez vivida pelo mercado — o que resultou em significativa redução das taxas, em termos nominais. Na ponta da captação, as taxas declinaram de 320% em março para 200% em junho, o que foi repassado diferentemente na ponta da aplicação. Tante os depósitos à vista quanto a

prazo sofreram grande expansão no semestre, o que Moraes Abreu atribui à grande liquidez existente no mercado.

CORRETORAS

A despeito dos problemas enfrentados pelas corretoras de valores — que atuam agressivamente no mercado de bolsa — em função das quedas acentuadas, observadas durante o período de transição do governo —, a crise foi superada pela grande recuperação do mercado acionário, verificada no segundo trimestre. É o que informa o presidente da Associação Nacional das Corretoras (Ancor), Alberto Alves Sobrinho. Na área de câmbio, a receita se manteve uniforme, com um mercado constante e o presidente da Ancor acredita em crescimento no volume de operações.



Quanto aos setores de open e renda fixa, antes de definida a política pelo atual governo, esses mercados experimentaram altos e baixos, explica Sobrinho. Delineadas as linhas políticas, no entanto, os meses de perdas foram compensados por outros de ganhos, "já que o mercado de risco passou a ter menor ingerência governamental, sobretudo quanto às taxas do open". No segmento de commodities — concentrado em poucas corretoras — os resultados foram positivos. O presidente da Ancor está apostando em grande movimento a nível de bolsa nos próximos meses e "tanto a Bolsa, quanto as corretoras terão de ampliar suas estruturas e investir mais nesse campo".

FINANCEIRAS

Até abril deste ano, os empréstimos concedidos pelas financeiras ao setor privado registraram evolução da ordem de 46,2% — em relação ao saldo em 31 de dezembro último — quando a inflação cresceu 52,0%. Esse fato é atribuído pelo presidente da Associação das Em-

presas de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi), Américo Oswaldo Campiglia, à elevação dos juros, "cujo encargo é incluído na operação de financiamento, o que reduz ainda mais a participação do preço da venda das quantidades comercializadas, no quadro estatístico do período".

No entender de Campiglia, o primeiro quadrimestre de 85 reflete certa melhoria do movimento operacional em relação aos níveis inflacionários, ensejando a expectativa de que essa tendência possa confirmar-se até o final do ano, "tanto mais que as vendas sazonais de fim de ano sempre apresentam peso ponderável no volume das vendas à prestação". De qualquer modo, salienta o presidente da Acrefi, isso fica na dependência do comportamento conjuntural da economia no futuro próximo. Campiglia defende a adoção de medidas monetárias, estruturalistas e fiscais, "para reconduzir o País à retomada de seu normal desenvolvimento".

LEASING

Tendo em vista os novos espaços criados pela Resolução nº 980 — regulamentando a Lei nº 7.132/83, que cria novas modalidades de arrendamento mercantil —, as empresas do setor foram estimuladas a reforçar suas estruturas mercadológicas, levando ainda a um natural aumento da concorrência entre as companhias de leasing. De acordo com o presidente da Associação Brasileira das Empresas de Leasing (Abel), Carlos Fagundes, para o usuário final do arrendamento o resultado desse processo foi extremamente favorável, pela maior disponibilidade de recursos para o financiamento a longo prazo, aliada à redução do custo final. Houve, segundo Fagundes, aumento da oferta e redução no nível de preços dessas operações.

Apesar de não estarem concluídas as estatísticas de evolução do setor no semestre, levantamentos preliminares indicam um crescimento no nível de negócios — com relação ao semestre anterior — da ordem de dez a 15%, em termos reais. Até dezembro último, o setor aplicou em cruzeiros, o equivalente a US\$ 467 milhões. Para esse semestre, estima-se que o saldo da carteira das arrendadoras tenha sido da ordem de US\$ 1,8 bilhão — mediante o acréscimo de US\$ 500 milhões em termos de novas aplicações.